

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: MOÇAMBIQUE
22 de Abril de 2024

CANTA MEU IRMÃO CANTA, AJUDA-ME A CANTAR / 1982

um filme de José Cardoso

Realização: José Cardoso / **Texto, Montagem e Assistência de Realização:** Henrique Caldeira / **Fotografia:** Luís Simão / **Narração:** Maria de Lurdes Lobato, Suleimane Cabir / **Som:** Gabriel Mondlane / **Montagem e Assistência de Realização:** Henrique Caldeira / **Montagem de Som:** Labi Mendonça / **Conselheiro Musical:** Martinho Lutero / **Produção:** Instituto Nacional de Cinema / Ministério da Informação da República Popular de Moçambique / **Produção Executiva:** Nilson Barbosa / **Direcção de Produção:** Haroom Patel / **Cópia:** em DCP, cor, falada em português / **Duração:** 70 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

IN-BOX / 2021

um filme de Ivan Barros, Pak Ndjamená

Realização: Ivan Barros / **Interpretação:** Pak Ndjamená / **Cópia:** em DCP, cor, falada em inglês e legendada em português / **Duração:** 25 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da sessão: 94 minutos.

AVISO: CANTA MEU IRMÃO, CANTA, AJUDA-ME A CANTAR é apresentado numa cópia com pouca qualidade. Sendo a única disponível, deixamos a advertência.

*“Aos artistas, aos músicos do nosso país,
Que cantam
Os sons da terra
Que trabalham
E nos ensinam a cantar”*

Dedicado aos artistas e músicos moçambicanos, CANTA MEU IRMÃO, CANTA, AJUDA-ME A CANTAR partilha com outros filmes do mesmo período uma vontade expressa de registar modos de expressão cultural e de promover a cultura moçambicana como veículo primordial para a constituição da identidade de um país. Ou seja, a consciência clara da importância do património cultural para a afirmação de um povo e de uma nação em construção, mas revela também um apelo explícito à união entre os povos e os homens.

“Nós homens de cinema, podemos testemunhar o seu ritmo verdadeiro”, afirma-se a dada altura no filme, enquanto nos é revelado um poderosíssimo grupo de músicos que tocam percussões de modo exímio. Com câmaras e microfones nas mãos, os “homens de

cinema” dirigidos por José Cardoso desenharam um percurso por Moçambique e partiram de Inhambane, movidos pelo desejo de conhecer e aprender, mas também de testemunhar. Esse era também o propósito daqueles que realizaram o Jornal KUXA KANEMA nº 3, que já mostrámos neste Ciclo, e que partiram da mesma zona para mostrar o canto e as danças das várias terras moçambicanas. Em Inhambane, na Ilha de Moçambique, ou em Mueda, Joaquim Cardoso filma-se e filma aqueles que tocam e dançam de acordo com as tradições, mas também explicam a sua música, como são feitos os instrumentos, ou as suas danças. Mantém-se também em CANTA MEU IRMÃO, CANTA uma ligação ao Festival Nacional da Canção e da Música Tradicional, realizado em Maputo, mas a tónica concentra-se sobretudo na arte que está na base do mesmo.

CANTA MEU IRMÃO, CANTA revela assim uma atitude documental de cariz etnográfico, que nos mostra as equipas, sem as ocultar. Vemos José Cardoso a filmar músicos que tocam originais instrumentos e possuem um ritmo inigualável, e essa é a grande riqueza que o filme conserva e partilha no presente em que foi feito, mas também para a posteridade, como podemos perceber tantos anos depois. Narrado a duas vozes (uma feminina e uma masculina), CANTA MEU IRMÃO, CANTA traduz como tais artes evoluem, e como artes que estavam vedadas a mulheres, ou aos colonizados (no tempo do domínio português) encontram o seu caminho e a sua natural transformação. “Hoje que somos independentes podemos tocar e cantar quando queremos.” E como nos mostra CANTA MEU IRMÃO, CANTA, a “luta de um país é indissociável do canto”, mas também ao ensino desse mesmo canto, ou seja, da relevância da sua aprendizagem e da sua transmissão.

O segundo filme da sessão conjuga-se com o primeiro pela importância que atribui à dança no contexto moçambicano actual. Quase sem diálogos, mas falado em inglês, revela ainda uma clara vontade de internacionalização. Datado de 2021, resulta da colaboração de dois artistas moçambicanos, Ivan Barros, realizador e fotógrafo, e Pak Ndjamena, coreógrafo e bailarino, que se expressa sobretudo numa linguagem contemporânea. Aqui tal encontro passa ainda pela música electrónica que ouvimos no filme. Próximo do que habitualmente se designa como vídeo-dança, IN-BOX, percorre paisagens industriais abandonadas, destroços arquitectónicos ou paisagens urbanas, por onde flui a dança de Pak Ndjamena. Uma ressalva para o contexto em que esta trabalho foi filmado, que lhe confere um suplemento de sentido. Estava-se em plena pandemia, e por entre máscaras cirúrgicas e pessoas com caixas de cartão na cabeça como forma de protecção (que vemos nalguns dos passageiros de uma camioneta), podemos pensar como resistiu a sociedade moçambicana a um tal desafio. Mas, no meio da adversidade, Ivan Barros deixa-nos uma mensagem de esperança no futuro.

Joana Ascensão